

## PLUTARCHI VITÆ PARALLELÆ:

### A biografia como compromisso entre literatura e história

ANA MARIA GUEDES FERREIRA  
(Univ. do Porto)

261

Porque o motivo desta conferência nos faz remontar ao século I da era cristã, importa recordar que os conceitos e nomenclaturas actuais nem sempre coincidem com os daquele período. Tal acontece sobretudo no âmbito do tema que nos propomos tratar: se actualmente o relato biográfico é, de um modo geral, aceite como ramo da história, não podemos dizer que o mesmo se passasse entre os Gregos, pelos quais esta era vista essencialmente como um relato dos feitos político-militares de um povo. Quanto à biografia, que desde os Poemas Homéricos e durante muitos séculos mais não foi do que um *topos* frequente nos diversos textos literários<sup>1</sup>, era entendida como uma narração dos actos e costumes das pessoas<sup>2</sup>.

Assim, no âmbito do relato histórico, eram invocados dados da vida de um indivíduo sempre que isso permitisse compreender melhor os acontecimentos descritos. É, pelo menos, esse o testemunho que Políbio nos dá em *Hist.* 10. 2. 1-5, onde assevera que os historiadores apenas devem invocar pormenores de cariz biográfico, como os vícios e as virtudes, quando estes tiverem determinado o curso da acção política, que é o seu objecto de estudo. Tudo o que vise o elogio ou o denegrir da imagem das figuras públicas não deve fazer parte do relato histórico. Por isso, podemos afirmar que este autor não recusa a inclusão esporádica de dados biográficos no texto, mas antes que não aceite que se faça da história um grande encómio, porque, para ele, o historiador deve ser imparcial.

Se dedicámos algumas linhas à apresentação do ponto de vista de um historiador de renome, foi precisamente porque Plutarco, que pode ser considerado o pai da biografia (embora vários outros autores tenham trabalhado este género antes), não se assume como tal. No próemio da *Vida de Alexandre* (1. 1-2), o Queroneu deixa bem claro o seu objectivo ao redigir as *Vidas*: não pretende ser um historiador, que deve

<sup>1</sup> A definição de biografia enquanto género individualizado só se terá verificado na época helenística, entre outros motivos, porque o homem culto desse período demonstrou especial interesse pelo conhecimento de aspectos da vida privada de pessoas famosas, fossem reis, poetas ou filósofos, fazendo da leitura de biografias um entretenimento. Cf. A. Momigliano, *The Development of Greek Biography*, Expanded Edition, Harvard, University Press, 1993, p. 84.

<sup>2</sup> A biografia só foi aceite como forma legítima de relato histórico a partir do século XVI. Cf. A. Momigliano: 1993, p. 2.

relatar tão minuciosamente quanto possível a cronologia dos diversos episódios, mas um biógrafo, ao qual os factos só interessam na medida em que espelhem as características a evidenciar do herói. É só nesse sentido que se torna relevante referir campanhas militares ou decisões e triunfos políticos.

Não obstante, várias são as ocasiões em que parece esquecer-se desse propósito, acabando por agir como um verdadeiro historiador. É isso que acontece, por exemplo, nos capítulos 12 e 13 da *Vida de Péricles*, dedicados às obras de embelezamento de Atenas, onde revela pormenores (como os artistas responsáveis pelas construções, as profissões intervenientes nas obras e os materiais utilizados) que, embora relacionados com uma das decisões mais importantes do estratega, em nada contribuem para a descrição do protagonista.

No próêmio da *Vida de Galba* (2. 5), volta a salientar que o relato exaustivo dos factos é da responsabilidade da *historia*. O biógrafo, porém, aproveita, sempre que oportuno, os acontecimentos – bons ou maus, mas memoráveis – desde que lhe permitam concretizar o seu objectivo: pôr em evidência a personalidade, o carácter do biografado. Embora muitas vezes não consiga fugir à menção de momentos de acção concreta, não é a estes que atribui maior importância.

O cerne do problema é esse, precisamente. Ainda que biografia e história tivessem ambas um propósito essencialmente didáctico, direccionavam-se para campos opostos. Logo no princípio da sua *História da Guerra do Peloponeso* (1. 22.4), Tucídides afirma categoricamente que escreve aquele texto para que as gerações vindouras possam conhecer a sucessão dos acontecimentos (logo, há necessidade de os descrever e explicar com pormenor) e as causas da maior guerra de todos os tempos e para que, na posse de dados imparciais, possam retirar as suas conclusões e fazer os seus juízos. No fundo é esse o sonho de todo o professor ou educador: que os seus pupilos, após terem recebido os conhecimentos básicos, tenham capacidade de agir e pensar pelos seus próprios meios.

No caso da biografia – e especialmente no das *Vidas Paralelas* – o objectivo didáctico consistia em contribuir para a formação moral dos leitores e do próprio autor, através da recordação dos grandes homens do passado e da análise das suas qualidades. Assim, podemos dizer que, de alguma forma, a biografia é um compromisso entre a história e a ética. Plutarco queria que o seu texto funcionasse como uma espécie de espelho, reflectindo as virtudes características de cada um dos heróis descritos – um pouco como se se tratasse de um '*speculum principum*' *avant la lettre*. Era essa imagem reflectida que deveria guiar o comportamento daqueles que pudessem contemplá-la. Com a sua obra, pretende inculcar no leitor, futuro interveniente activo na vida política, a necessidade de imitação das virtudes que apresenta em acção através das personagens que as incarnam. Isso não significa que os protagonistas por ele escolhidos não possuíssem defeitos. Na *Vida de Címon* (2. 4-5), reconhece a existência dessas máculas e, ao contrário do que acontece nos encómios, não as omite, pois defende o rigor das descrições. Considera, no entanto, que os aspectos menos positivos não devem ser sobrevalorizados, pois é às virtudes que cabe suscitar a emulação (cf. *Vida de Péricles*, 2. 2-4).

Na *Vida de Demétrio* (1. 6), porém, Plutarco evidencia não as virtudes, mas os vícios, sempre com os mesmos objectivos pedagógicos: se a contemplação das qualidades nos incita a imitá-las, a dos vícios permite-nos fazer um autodiagnóstico e põe-nos em estado de alerta, pois já tivemos oportunidade de verificar, através dos exemplos, quão nefastos são os efeitos de qualidades negativas. Além disso, só apreciamos melhor o que é bom se tivermos um termo de comparação...

Plutarco acreditava que quem tem a oportunidade de contemplar o Bem (*to kalon*) não resiste a agir em conformidade com ele. Ora este interesse filosófico-moral da biografia em geral e das *Vidas Paralelas* em particular é provavelmente a principal diferença entre a historiografia e o discurso biográfico. É por sua causa que o biógrafo é levado a seleccionar um indivíduo e, dentre as suas acções (isto é, os factos históricos), aquelas que melhor manifestem a posse das virtudes a evidenciar. Esses feitos acabam por servir de ‘ilustração’, de *exemplum*. No caso da historiografia (e basta pensar em Tucídides), que enfatiza as decisões e acções colectivas, o valor do indivíduo, embora não seja negado, só é apreciado se este tiver um papel fundamental na vida político-militar de determinado período<sup>3</sup>. No fundo, esse valor resulta não das virtudes por ele possuídas, mas da sua contribuição para o bem-estar da *polis*.

Os biógrafos antigos não tinham a intenção de descrever a vida dos indivíduos enquanto tal, isto é, tendo em consideração apenas os feitos e os traços de personalidade que os distinguiam das restantes pessoas; procuravam antes salientar as características comuns a determinados tipos humanos. O facto de Plutarco agrupar os seus protagonistas em pares confirma, de certo modo, essa inclinação. Além de resultar da influência dos biógrafos latinos da época imperial, as circunstâncias de vida de Plutarco favoreceram (ou talvez tenham até suscitado) a sua opção pela redacção de vidas paralelas: não nos podemos esquecer de que era um membro de valor reconhecido na sociedade greco-romana (era, inclusive, cidadão de Roma e de Atenas), que beneficiava ainda do filelenismo que então grassava na capital do Império. Por isso podia comparar os dois povos sem ferir susceptibilidades, já que, nestas circunstâncias, era legítimo manifestar a sua admiração por ambas as pátrias, sem ter que negar nenhuma delas. A sua obra torna-se, deste modo, agente de fomento da relação entre os dois povos e da (auto)estima pelos *Græculi*, diminutivo de conotações negativas – que ao serem comparados com os Romanos, se não os superavam, pelo menos não lhes ficavam atrás –, com os quais, aliás poderiam aprender bastante. Penso que também podemos realçar o seu intento de mostrar como constituições tão diversas e povos com temperamentos tão diferentes podem ambos dar origem a homens de virtude, dignos de imitação. Basta pensarmos no caso de Péricles e Fábio Máximo: embora o primeiro seja grego e o segundo romano e mais novo (com uma diferença de cerca de dois séculos) e as circunstâncias das suas vidas obviamente sejam também diferentes, possuem muitas virtudes semelhantes, que, logo no prómio da *Vida de Péricles*, o Queroneu indica para justificar a sua opção por este par.

Essa ‘inclusão’ só é passível de ser feita devido à existência de determinados padrões de personalidade que foram fixados sobretudo com os peripatéticos (nomeadamente pelos *Caracteres* de Teofrasto), segundo os quais a um *tipo* específico corresponderiam acções e maneiras de ser próprias e facilmente dedutíveis depois da sua identificação. No entanto a descrição feita nas *Vidas* de Plutarco conjuga esse método indutivo, influenciado pelos peripatéticos, segundo o qual o carácter permite compreender e até antever as acções, com o dedutivo de acordo com o qual só chegamos ao carácter pela observação dos feitos.

É no riquíssimo prómio da *Vida de Péricles* (1-2), a que Flacelière (Flacelière: p. 11) se refere como «propylées assez majestueux à cette biographie»<sup>4</sup>, que expõe de forma mais inequívoca o que pretende com a redacção das *Vitæ Parallelæ*. Assume, mais uma vez, que o seu principal objectivo é predispor o leitor a observar as boas

<sup>3</sup> Os traços da sua personalidade e as suas vivências só interessam se servirem para justificar determinadas opções.

<sup>4</sup> Flacelière, *Vies Parallèles*, tome II, Paris, Budé, 1969, p. 11.

acções, a admirá-las e a imitá-las, com base no princípio de que o desejo de emulação é tipicamente humano e que deve ser canalizado para as boas acções e não constantemente desperdiçado com 'objectos menos dignos'. Assim, ao elogiar e incitar à virtude, faz deste preâmbulo a justificação da sua obra.

Detenhamo-nos brevemente nas características formais destes dois primeiros capítulos da *Vida de Péricles* e na organização desta biografia, para podermos compreender melhor de que forma a literatura é posta ao serviço das pretensões de Plutarco. Como sabemos, ele possuía uma formação retórica que lhe permitia saber que o interesse do leitor pelo texto podia ser estimulado através do recurso a determinadas figuras de retórica, e não se faz rogado. A utilização de tais adornos neste par tornava-se ainda mais importante por causa de um segmento do público que muito provavelmente o autor visava – os seus contemporâneos gregos que começavam a ascender a cargos da magistratura imperial – e ao qual pretendia fornecer um modelo de conduta.

Este proémio inicia-se com uma *chria* (pequena anedota histórica, isto é, baseada em situações reais vividas por figuras de renome e que é um dos recursos mais utilizados por Plutarco<sup>5</sup>) com base em palavras de César que, ao ver estrangeiros a brincar com macacos e cachorritos, perguntou se as esposas daqueles não lhes davam filhos. Partindo desta breve história e depois de tecer algumas considerações sobre o afecto entre os humanos, faz uma comparação alargada entre aquilo que deve ser objecto dos sentidos e da razão. Para reforçar esta reflexão, serve-se de mais duas *chriae* – uma de Antístenes e outra de Filipe da Macedónia, que têm em comum a crítica daqueles que fazem da música profissão (*Per.* 1. 5) e que, por isso, dispensam o precioso tempo com ocupações vis e inúteis. O proémio termina com uma *gnome* sobre a importância do *to kalon* na atracção para a prática de acções nobres, justificando, assim, o seu objectivo ao escrever as *Vidas* – fornecer os tais *exempla* que suscitem a emulação do Bem.

Após o proémio, Plutarco inicia a descrição da biografia propriamente dita, seguindo normalmente um esquema que se baseia no respeito por uma ordem cronológica mínima e básica<sup>6</sup>, própria do género biográfico, que consiste em três grandes momentos: infância e juventude da personagem, feitos mais conhecidos e relação com características do protagonista, informações sobre a sua morte e memória póstuma. Em termos proporcionais, a parte dedicada à vida pública é a mais extensa – o que é compreensível na medida em que o autor quer evidenciar as virtudes através da acção. Em termos numéricos, isso significa que no caso da *Vida de Péricles*, constituída por trinta e nove capítulos, trinta e dois são dedicados à vida pública e à acção político-militar do estadista.

Ora, do primeiro momento fazem parte elementos oriundos da tradição retórica do encómio, como as origens da personagem, a caracterização física (que de um

<sup>5</sup> Os peripatéticos recorriam às anedotas muitas vezes para caracterizar modos de vida, o pensamento e o estilo de alguns indivíduos e, conseqüentemente, interessavam-se pelas que ilustrassem virtudes e vícios. Que os biógrafos viam nelas um elemento importante para a composição das suas obras, atesta-o bem a *Vida de Péricles*, nomeadamente no capítulo 38. 2.

<sup>6</sup> Já os factos que narra não surgem necessariamente por ordem cronológica. A. P. Jiménez, 'L'asociación de ideas como criterio formal en las *Vidas Paralelas*', 1996. p. 259 (in J. A. F. Delgado, F. P. Pardo (ed.), *Estudios sobre Plutarco: Aspectos formales. Actas del IV Simposio Español sobre Plutarco*, Madrid, Ediciones Clásicas, 1996) diz-nos que Plutarco baseia muitas vezes a sua estruturação em associações de ideias, o que, quanto a mim, é perfeitamente compreensível. Só quem nunca escreveu um texto, só quem nunca estruturou um discurso desconhece a experiência de se ver assaltado em simultâneo por ideias diversas, todas elas pertinentes para o desenvolvimento de determinado assunto. Se nos deixamos levar, torna-se necessário, a certa altura, voltar atrás para retomar o fio condutor.

modo geral se coaduna com o retrato moral<sup>7</sup>) e psicológica (baseada essencialmente na caracterização directa<sup>8</sup>), a formação (refere-se aos mestres e influência destes sobre Péricles, nomeadamente Anaxágoras) e iniciação na vida pública.

A segunda parte subdivide-se geralmente em três: ascensão, apogeu e decadência no poder; nela se narram os feitos mais famosos do protagonista e a relação destes com o seu carácter.

Na terceira, Plutarco descreve as circunstâncias da morte, as exéquias, o local de sepultura e apresenta o impacto do desaparecimento do protagonista na comunidade e o destino da família. No caso de Péricles, este terceiro momento não segue os moldes gerais, porque Plutarco ‘se distraiu’ com o elogio do estrategista e com o excuro sobre o cognome de Olímpico; além disso, os seus filhos legítimos já haviam morrido (também eles vítimas da peste) e o destino da companheira Aspásia e do filho ilegítimo de ambos já havia sido indicado.

As duas biografias que constituem o par seguem, *mutatis mutandis*, a estrutura descrita nos últimos parágrafos e devem ser lidas como um todo, já que a primeira pode levantar questões ou temas que só são desenvolvidos ou respondidos na segunda. Ao relato das duas vidas segue-se a comparação final – a *synkrisis* – que funciona como epílogo e que põe em evidência virtudes e defeitos de ambos, justificando, no fundo, o título de *Vitae Parallelae* dado a este segmento da obra do Queroneu.

A *synkrisis* era um exercício preparatório muito em voga nas escolas de retórica da época, pelo que recursos como interrogações retóricas e estrutura antitética são copiosamente utilizados nos capítulos finais. Apesar disso, o paralelismo que Plutarco estabelece entre os protagonistas jamais é forçado. Baseia-se em elementos de comparação como a situação política, um traço de carácter, a reputação; põe em evidência os ensinamentos, a mensagem a retirar de ambas as vidas, de acordo com os ideais do biógrafo, mas não repete os temas anteriormente abordados no prómio para justificar a opção pelo par.

Todas as informações que Plutarco fornece nas diferentes partes aparecem entrelaçadas com anedotas, comparações, citações de fontes ou simplesmente referência à origem dos dados que menciona, opiniões pessoais, elementos que enriquecem e tornam o discurso muitíssimo interessante.

Mas é preciso não esquecer que a organização e extensão dos dados depende de diversos factores, nomeadamente da importância histórica do protagonista; da abundância ou escassez de fontes à disposição de Plutarco, do grau de simpatia ou antipatia que o Queroneu dedica ao biografado, da natureza da sua actividade pública (militar, política ou legislativa). Aliás, o tratamento dos factos depende mesmo do protagonista em causa, como nos demonstram os exemplos de Péricles e Címon. Em ambas as biografias, Plutarco tem forçosamente de mencionar a rivalidade entre eles. No entanto, na *Vida de Péricles* (10. 6), diz que este estrategista, por altura do julgamento de Címon, praticamente nada disse para o acusar; mas na *Vida de Címon* (14. 5)

<sup>7</sup> Péricles era conhecido pela forma pouco vulgar da sua cabeça – grande e alongada, como uma cebola. Apesar de ridicularizado por esse *pequeno* defeito, Plutarco reflecte sobre a relação entre a forma da cabeça e a personalidade do estadista: se esta parte do seu corpo é desproporcional, isso talvez aconteça porque é aí que, por excelência, residem uma inteligência e uma perspicácia inusitadas.

<sup>8</sup> A caracterização directa é o processo mais utilizado por Plutarco: ele parte de atitudes, reacções e frases (em forma de opiniões e conselhos) das próprias personagens, que manifestam qualidades do seu carácter, para tirar ilações quanto às principais características dos protagonistas, que, se positivas, elogia. Mas o Queroneu também utiliza com frequência a caracterização indirecta: apresenta personagens históricas que conviveram com o biografado ou que testemunharam a sua acção; por vezes chega a descrever personagens secundárias – como Címon – sempre com o objectivo final de salientar as qualidades do protagonista.

afirma que aquele foi um dos que mais atacou o réu em tribunal. Além disso, na *Vida de Péricles* apenas refere as acções de Címon na medida em que estas possam servir de justificativa das de Péricles, como no caso das medidas demagógicas do início da sua carreira política.

Como acabámos de ver com base na *Vida de Péricles*, as biografias de Plutarco, que não queria ser historiador nem um grande autor, têm como principal propósito contribuir para a formação dos jovens com ambições políticas. Por essa razão, obedecem a princípios didácticos e éticos que condicionam o uso que faz da história e da literatura. Consciente de que a prática e os exemplos verdadeiros são fundamentais para uma boa aprendizagem, o Queroneu retira da história, porque têm mais força persuasiva do que protótipos inventados, modelos verídicos de comportamento para ilustrar os valores que considera mais importantes; e serve-se da literatura para, através dos seus recursos, tornar esses exemplos mais apelativos.

Em jeito de conclusão, podemos recordar as seguintes palavras de Javier Gómez Espelosín: pp. 45-46 sobre as *Vitae* de Plutarco:

«No pretendió pasar por historiador, ni siquiera a la manera antigua, con unos métodos e intenciones tan enormemente distantes de lo que una pretendida ciencia podría reclamar. Su condición pasa más por lo que Stadter ha calificado de 'storyteller' para quien la historia constituye un repertorio inigualable de toda clase de circunstancias, situaciones y caracteres, con los que deleitar el ánimo de sus lectores, al paso que ayudaba también a perfilar las pautas morales de su vida diaria»<sup>9</sup>.

<sup>9</sup> In «Plutarco como Fuente de la Historiografía del Mundo Helenístico» (in J. G. López, E. C. Dorda, *Estudios sobre Plutarco: Paisaje y naturaleza*, Madrid, Ediciones Clásicas, 1991).